



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega de carrinhos elétricos utilizados por catadores de material reciclável

Belo Horizonte-MG, 03 de setembro de 2008

Hoje estou com um pequeno drama. Qual é o drama? Estou com um discurso muito bem feito, bonito, mas estou achando difícil ler o meu discurso aqui. Quando a gente lê um discurso, ou a gente olha para as letras ou não consegue ler, e aí eu deixo de olhar para a cara de vocês. O meu medo é ir embora daqui sem ver as pessoas com quem conversei.

Mas vou tentar aprender com o Luiz Henrique como é que se fala, falando pouco e falando apenas o essencial. Vou também deixar de lado a nominata, porque vocês viram que a nominata tem tanto nome que quando o Patrus foi ler todos pensei que era o fim do discurso, e ele nem tinha começado ainda.

Bem, queria dizer para vocês, companheiros e companheiras, se me permitem, apenas homenagear uma convidada especial, a dona Danielle Miterrand, que está em visita ao estado de Minas Gerais. Citando o nome dela, citando o meu querido companheiro José Alencar, que de vez em quando vejo na imprensa que está doente, e ouvir ele falar agora, com essa garganta que ele tem, falei: doente estou eu, que não estou conseguindo mais falar, ele deve estar com uma saúde de ferro.

Eu penso que precisamos apenas lembrar de onde nós viemos, onde estamos e onde queremos chegar, porque assim a gente aprende a valorizar as conquistas que já tivemos, e aprendemos também a saber o que é prioridade para a gente continuar reivindicando através das nossas cooperativas, da nossa organização.

A verdade é que, embora a gente tenha avançado de forma



extraordinária, ainda temos um caminho a percorrer. E esse caminho não pode ser rápido – como se o poder público pudesse fazer um pacote de coisas boas e dar para vocês – porque terminaria não valendo muito se a gente não for conquistando degrau por degrau, as nossas conquistas sendo resultado do acúmulo da nossa consciência política e do acúmulo da nossa experiência.

Por exemplo, uma cooperativa não se organiza de cima para baixo. Se o presidente da República quisesse chegar em qualquer lugar do Brasil e criar uma cooperativa, reunisse 100 pessoas e decretasse: “Está criada a Cooperativa de Belo Horizonte”, na hora que virasse as costas a cooperativa iria se desfazer, porque cooperativa só dá certo quando é o resultado das conquistas cotidianas de cada segmento que se organiza em cooperativa.

Desde 2003 participo, todo final de ano, da reunião com os catadores de materiais recicláveis deste país. Todo dia 23 de dezembro estamos lá embaixo de um viaduto, em São Paulo, antes era com dom Cláudio Hummes, fazendo a nossa discussão, assumindo compromissos e atendendo as reivindicações. Cada vez que a gente atendia uma, os espertos aqui apresentavam logo duas, três. Eu pensava que ia sair agradecido: saía agradecido mas cobrado, com novas tarefas.

Se a gente imaginar, de 2003 até agora, o grau de organização que conquistamos, o discurso que este caboclo aqui fez, dentro do Palácio do Planalto... Porque a verdade é essa: palácio, no mundo, não é para pobre, palácio é para rico, palácio é para empresários, banqueiros, primeiros-ministros, presidentes, deputados, senadores, rainhas, príncipes. Imaginar catador de papel, sem-teto, cachorro guia de um cego dentro do Palácio do governo, parece uma obra de ficção. Pode parecer em outros lugares do mundo. Aqui no Brasil, o Palácio do governo é de todos e, por ser de todos, todos podem adentrar o Palácio.

Hoje estou aqui numa situação privilegiada. Primeiro porque ontem fui ao Espírito Santo, Luiz Henrique. Fui lá com a ministra Dilma, com o



Governador do estado, no próximo você vai no meu lugar para ver. Eu não acreditava que a gente pudesse furar um buraco a 4.300 metros de profundidade e de lá tirar petróleo, eu achava aquilo impossível. Não sou geólogo, portanto não sou obrigado a acreditar naquilo que o geólogo acredita. Não sou engenheiro, portanto não tenho dimensão disso.

Mas, meus filhos, vocês imaginarem descer uns canos a 1.400 metros de água... Eu tenho medo de piscina, imaginem descer a 1.400 metros de água, furar mais 3 mil metros de rocha e, depois, furar mais 400 metros de uma camada de sal e trazer petróleo. Eu brinco, em todo lugar que vou, que o buraco é tão fundo que qualquer dia a Petrobras sai com um japonezinho na broca, porque é muito grande e é muita profundidade.

Ontem começamos a explorar uma espécie de 10 a 15 mil barris desse pré-sal, que é a nova descoberta da Petrobras. Fiquei muito orgulhoso em saber que o Brasil tem uma empresa como a Petrobras, muito orgulhoso em saber que a Petrobras tem parceria com os companheiros que trabalham reciclando material, e muito orgulhoso em saber que temos uma engenharia capaz de fazer um milagre desses. A minha cabeça nunca imaginou que a gente pudesse chegar a 7 mil metros de profundidade dentro do mar e tocar numa coisa que Deus colocou lá há 130 milhões de anos. É impensável para a sua cabeça, é impensável para a minha, só as pessoas mais bem-formadas é que conseguem visualizar. A minha cabeça não consegue entender isso.

Mas, pelo fato de ter sido eleito presidente da República, sou obrigado a acreditar que é possível, porque fui lá ver e botei a mão. Se vocês soubessem a sensação de botar a mão numa coisa tirada a 4 mil metros do fundo mar... Sujei o macacão da Dilma, sujei o macacão do ministro Lobão, do presidente da Petrobras. Na verdade, eu queria tomar um banho daquele petróleo. Mas depois falei: puxa vida, vou tomar um banho, depois vou amanhã em Belo Horizonte, vou ficar que nem o Luiz Henrique, vão querer me tirar da Presidência da República e me colocar como membro da cooperativa aqui.



Também porque não tinha sabonete lá para tomar banho, e porque o pessoal tinha medo de que o ácido sulfúrico fizesse mal para o corpo. Aí falei: “Espera aí, eu tenho 63 anos, tenho um restinho de vida pela frente, vamos cuidar com carinho dessa vida”. Mas estou contando esse caso porque ontem eu tive essa emoção.

Hoje, eu tive outra emoção. Hoje participei de uma reunião com todos os reitores, Carlão, das escolas federais brasileiras. Assinamos as portarias para os editais de convocação do vestibular de 2009.

Quando entrei no governo nós colocávamos, por ano, 113 mil alunos novos nas universidades, eram as vagas que tínhamos. Este ano, no vestibular, vamos colocar 227 mil alunos no lugar dos 113 mil que tínhamos. Eu espero que a cooperativa de vocês, espero que as várias cooperativas de vocês comecem a apresentar meninos e meninas para fazerem universidade. Eu tomarei até uma cana no dia em que o primeiro catador de papel se formar numa universidade, com diploma de doutor. Se já tem... Eu espero que seja este ano, pelo ProUni. E se não for este ano, pelo ProUni, será daqui a três anos pela universidade federal brasileira.

Fiquei muito orgulhoso hoje, também, com esse negócio da escola. Imaginem: de um lado, petróleo e mais riqueza; de outro lado educação, que é mais importante do que o petróleo e mais importante do que a riqueza, porque a educação é a base da oportunidade para todo e qualquer ser humano neste país.

Agora venho aqui, a terceira emoção. Só não morro do coração porque sou corintiano, e corintiano sofre tanto que o coração fica calejado, não tem esse problema de ficar grande, inchado e mole, que não bomba mais nada. Coração de corintiano não tem espaço para colesterol, ali é só sofrimento. Agora que a gente está na Série B estou até gostando, porque estamos ganhando todas. E depois, joga no sábado, fazemos a alegria dois dias e não apenas um.



Tive hoje a minha segunda emoção. Primeiro, de me encontrar com vocês. Duvido que para qualquer pessoa que entrasse aqui, passasse por aqui e desfilasse aqui, quando chegasse ao final, se ninguém tivesse falado nada, se vocês não estivessem com essa camiseta, e a gente perguntasse assim: “Quem é esse povo que está aí?” Eu duvido que alguém fosse dizer que vocês eram catadores de materiais recicláveis nas ruas deste país afora. Por quê? Basta um pouco de comida, basta ter uma roupa limpa e basta estar com a auto-estima elevada que todos nós somos iguais em qualquer lugar deste Planeta.

Mais ainda: vocês viram que o pessoal da TV estava filmando aqui, o Stuckinha estava fotografando. Vou pegar esse material... Eu tenho alguns amigos que são costureiros de alta “granfinagem”, aqueles estilistas, não tem uns desfiles de umas moças que andam com as pernas meio cruzadas, rápido? Obviamente, aquela roupa que elas usam não é para vender, porque ninguém compra aquilo, aquilo é uma marca.

Mas eu quero mostrar para alguns costureiros essa roupa aqui e perguntar: vocês sabem o que é isso aqui? Eles vão dizer: “Deve ser um desfile no Morumbi, lá em São Paulo”, “Deve ser um desfile no bairro mais chique de Belo Horizonte”, porque as pessoas que desfilaram são bonitas, as roupas são bonitas e elas desfilam como se fossem verdadeiras artistas da moda desfilando. Eu nem sei se são modelos profissionais ou semi-profissionais, mas notei que as pernas, andando assim, são as mesmas. Se andarmos assim dizem que a gente está bêbado, mas na moda esse é o passo correto.

Estou emocionado por encontrar vocês, por ver essa coisa maravilhosa desse desfile que vocês fizeram. E aquela roupa não foi inventada por nenhum grande estilista, certamente foi por pessoas muitas ligadas a vocês próprios.

Depois, este carrinho aqui. Imaginar o pulo que às vezes vocês têm que dar quando o carrinho está levantado, para abaixar o bicho, para poder sair com ele no meio do umbigo. Lembro disso porque quando eu morava em



Santos, em 1956, não puxava carrinho, mas puxava barril de água de 200 litros na areia, areia de praia, sabe o que é? O bicho pesava 400 quilos. Então sei como é o trabalho de vocês. E, agora, este carrinho aqui.

O cidadão que estava aqui antes, vocês viram que ele veio até cruzando as pernas também? De tão leve que é. A gente poder distribuir isso para o Brasil inteiro e não vermos mais vocês fazendo o esforço que faziam, podendo colocar 300, 400 quilos aí.

Vou dizer mais, Pimentel: vou falar com o Aécio para fazer uma experiência. Acho que a Cemig poderia, aqui em Belo Horizonte, em cada posto de gasolina da BR, colocar uma tomada para vocês recarregarem de graça essa bateria. Cada governador, em cada estado, principalmente nas capitais, nos postos da BR, poderia fazer uma tomada, para que vocês chegassem e colocassem na tomada – em vez de gastar 7 ou 8 reais por mês, já colocariam isso no orçamento, para comprar mais pão para casa – e carregariam de graça na tomada. Podem ficar certos de que essa vai ser uma coisa que vai acontecer rapidamente para vocês.

A outra coisa importante que eu quero dizer para vocês é que eu estava falando do pré-sal e estava falando da profundidade. Mas ontem, Pimentel e José Alencar, cheguei em casa e a televisão estava falando do pré-sal. Falou, mostrou a gente lá no pré-sal, foi bonito. Mas depois teve uma segunda parte, colocaram umas pessoas para dizer assim: “Puxar de 4 mil é fácil, quero ver é puxar de 6 mil. Perfurar 400 metros na camada pré-sal é fácil, quero ver é perfurar 2 mil”. E eu fiquei pensando: por que a gente está comendo uma coisa gostosa e alguém vem dizer que não está boa? Por que tanta má vontade com o País? Por que tanta descrença? Fiquei pensando: eles não sabem que na nossa linguagem, aqui, tem um ditado, “para baixo todo santo ajuda”. E nós estamos perfurando para baixo. Lembrei que descer é tão fácil que até bêbado consegue descer escada, eu quero ver é ele subir escada.

Então, vamos tirar... Agora, o que quero dizer para vocês – tenho dito



para a companheira Dilma, para os ministros, eu criei um grupo interministerial – esse petróleo é do povo brasileiro. Ele não é da Petrobras, não é da Shell, não é da Esso, não é de nenhum estado, esse petróleo é de 190 milhões de brasileiros.

Coloquei três compromissos para o grupo. Primeiro compromisso: a Petrobras não virar uma exportadora de óleo cru. Ela tem que exportar subprodutos de petróleo para a gente colocar mais valor agregado e ganhar mais dinheiro para o País. Em vez de vender o óleo puro, vender gasolina, óleo diesel de qualidade. Daí porque vamos fazer mais cinco refinarias no Brasil. Segunda coisa que eu disse para eles: esse dinheiro que a gente conquistar com o pré-sal, não importa se daqui a um ano ou cinco anos, nós vamos pagar a dívida que temos com a educação brasileira. Vamos pagar a dívida que temos e dar oportunidade (inaudível) estudarem.

Uma outra parte desse dinheiro, depois de tirar o lucro das empresas, depois de tirar os investimentos das empresas, depois que cobrar os impostos que tem que cobrar, porque senão o governo não pode fazer as políticas, é para pagar a dívida secular que temos com os pobres deste país. Essas são as três condições que impus aos companheiros ministros que estão trabalhando, porque a gente pode fazer com que a vida de vocês melhore muito mais.

É importante lembrar que nós fizemos a lei do (inaudível), em que a gente garantiu que nas cidades as cooperativas poderiam trabalhar sem precisar fazer licitação. Tem gente que não está respeitando. Eles pensam que a gente está como estava há 20 anos. Aqui, depois de vocês sofrerem muito, nós elegemos este homem prefeito há 14 anos e ele começou a tratar de vocês, junto com a Pastoral, depois veio o companheiro Célio e deu continuidade, veio o Pimentel e deu continuidade. Mesmo assim, muitas vezes, vocês são olhados por alguns, que jogam lixo na rua, como se vocês fossem lixo.



A dona Geralda tem uma experiência de vida muito rica, não vou ler porque está aqui, mas a dona Geralda sabe quantas vezes ela parou em uma lanchonete para comer um lanche e as pessoas não queriam vender para ela. Vocês sabem quantas vezes as pessoas ainda olham para vocês com certo desdém, exatamente aquelas que não aprenderam a cuidar do lixo dentro de casa, que jogam lixo na rua - vocês, que estão prestando um serviço à sociedade catando o lixo delas - ainda acham que vocês não deveriam ser cidadãos brasileiros.

Você vai pedir uma audiência, não é, Luiz Henrique? Já pediu não, nem vi o papel ainda. Você me entregou um papel, mas não pediu. Vamos fazer uma discussão porque também tem um grupo interministerial discutindo a situação de vocês. Quero chegar ao final do meu mandato, em 2010, com tudo resolvido com vocês, não quero dever absolutamente nada, porque se eu sair devendo para vocês, quando eu não for mais presidente e estiver andando pelas ruas de Belo Horizonte, São Paulo, Recife, Salvador, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e me encontrar com vocês, vocês vão virar a cara para mim. E o grande legado que quero deixar da Presidência é poder me encontrar com vocês e a gente se tratar de companheiro e companheira, a gente se tratar como irmão. É esse o legado, essa é a coisa mais sagrada da minha vida: é não perder a referência de quem é meu companheiro. Não esquecer nunca a origem de onde eu vim.

Eu não catava papel, mas vendia tapioca, amendoim e laranja. Cansei de tomar cocorote. Sabe o que é cocorote, não é? (inaudível) é aquele negócio que dá na cabeça da gente assim, e dói, bem aqui na moleira.

Companheiros, minha querida Danielle Miterrand, é importante lembrar porque vim aqui hoje. Alguém poderia perguntar: "O que faz esse presidente da República? Será que ele não tem nada mais importante para fazer em Brasília? Vem ele, o Vice-Presidente, um, dois, três, quatro ministros, 30 assessores, mais tantos deputados, mais o bispo aqui presente, mais uma francesa aqui



presente, por que veio tanta gente aqui?” A gente veio por uma única coisa: política a gente não faz só com palavras, política a gente não faz só com políticas públicas, política a gente faz com gestos”. Às vezes, um gesto vale mais do que qualquer coisa.

Vim aqui para fazer um gesto e repetir: eu sou o presidente de todo o povo brasileiro. Mas dentre todo o povo brasileiro, sei que tem uns que precisam menos, outros que nem precisam. E embora eu seja presidente de todos, quero dizer que a minha prioridade é fazer com que neste país os pobres possam conquistar definitivamente a cidadania, sejam respeitados pelo seu trabalho, tenham assistência médica adequada, sejam tratados decentemente pelo poder público municipal, estadual e federal, sejam tratados como seres humanos pela polícia, pelos fiscais das prefeituras deste país, e não sejam tratados como se fossem cachorros, que eles pegam em carrocinha. Eu já sou contra pegar cachorro, imaginem fazer o que fazem com o ser humano.

Vim aqui para dizer para vocês, companheiros e companheiras: estejam onde vocês estiverem e esteja eu onde estiver, junto com o meu governo, nós todos somos brasileiros, somos irmãos e estou junto com vocês nessa luta para melhorar a vida de uma grande parcela do povo brasileiro.

Um grande abraço, bom festival. E até dezembro, se Deus quiser.

(\$211A)